

**DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL
DIALÓGICA DE PAULO FREIRE
Empírica, Experimental, Estética e Poiética**

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo**.

1. **Uma pedagogia dialógica, estética, poiética; fenomenológico existencial empírica, e experimental; para o enfrentamento da opressão e da exclusão. Uma pedagogia ontológica para o ser humano.**
2. **Ética**
 - a. À guisa de introdução à questão ética em Paulo Freire.
 - b. História e ética
 - c. Ética: Estética
 - d. Ética: Poiética
3. **Dia Logos**
4. **Empirismo Experimental fenomenológico existencial dialógico.**
5. **Interesse, *inter essere*, o desafio da Dialógica.**
6. **Uma Educação para a sociedade Brasileira, uma educação para seres ativos, e atuantes.**
7. **Pré-meditado e pós-escrito: Uma Educação para seres epistemogênicos.**

1. **Uma pedagogia dialógica, estética, poiética; fenomenológico existencial empírica, e experimental; para o enfrentamento da opressão e da exclusão. Uma pedagogia ontológica para o ser humano.**

Precipuamente, a abordagem de Paulo Freire surgiu como uma resposta e uma disposição contra a desumanização, contra a opressão e a exclusão de amplos segmentos da população Brasileira, resultantes da constituição colonial da cultura e da sociedade do Brasil; e da substituição do estamento colonialista por uma

* Escola Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial.

estamento atóctone voltado para a manter e para usufruir da desigualdade radical.

Paulo Freire constatou a situação histórica do Brasil. E elaborou uma instância ética radical da não opressão e da não exclusão. Mais que isto, conseqüentemente, elaborou uma instância ética de reconhecimento radical da humanidade das classes e das pessoas das classes oprimidas e excluídas, reconhecimento que implica o reconhecimento de seu constante e indestrutível processo de criar o seu *ser mais*, em particular diante das históricas, culturais, e tremendas pressões para o seu *ser menos*. Reconhecer a sua humanidade radical, e o seu permanente processo, radical de humanização, significa igualmente reconhecer a sua *alteridade* radical, o seu processo radical de produção autônoma de sentido, e de ação.

Certo que estes reconhecimentos implicam no reconhecimento deles como inevitável e radicalmente *outros*. Mas, da mesma forma implicam na constituição deles e a eles como parceiros para o *diálogo*, no sentido propriamente entendido; para a *inter ação*, para a *ação inter humana*.

Da instância ética de Paulo Freire, compatível com esta, se constitui a sua instância metodológica. Em essência, só o *diálogo* é possível, só o diálogo é potente, só o diálogo e as suas implicações são respeitáveis e respeitosos da alteridade radical, da humanidade e da humanização radicais. Neste contexto, Paulo Freire entendeu que a ética e a metodológica de sua abordagem só poderiam ser radicais na dialogicidade: e assim se constitui o seu método. Privilegiando fundamentalmente o respeito pela humanidade, pela alteridade radicais; da mesma forma que privilegiando radicalmente o *inter essere*, o encontro dialógico radical e o seus desdobramentos, como âmbito do encontro -- fundamentalmente *estético, fenomenológico existencial empírico, e experimental* --, e como âmbito próprio e específico de vigência do possível e da possibilidade, e do seu escoamento no sentido da ação, da criação.

Paulo Freire revolucionou mundialmente, em específico por uma ética do reconhecimento radical da humanidade e da humanização; pelo reconhecimento radical da alteridade radical; pelo reconhecimento ativo da vocação humana para a dialógica, para o inter humano, para a inter ação inter humana, pra a ação, para a criação, para a superação.

De modo que a ética e a metodológica de sua abordagem não são próprias e boas apenas para os excluídos e oprimidos -- ainda que estas impliquem num compromisso radical com estes --, mas é boa para qualquer ser humano, nos mais diferentes contextos de vida e de aprendizagem.

Porque é ética e uma metodologia ontológicas de educação, voltadas para a essência do humano; que é a existência no possível, na possibilidade, e no desdobramento desta como ação, atualização, e como superação. Como potencialização do retorno da vontade de possibilidade, da ação, da criação, da superação, e da alegria.

2. Ética

a. À guisa de introdução à questão ética em Paulo Freire.

Fundamentalmente, é disto que se trata, portanto, na abordagem de Paulo Freire. De *ética*. De uma ética particular a partir da qual pensar o Brasil e o povo Brasileiro, a história do Brasil, a opressão a exclusão coloniais, prolongadas pelas classes dominantes autóctones, depois da Independência e da proclamação formal da República; de uma ética particular de agir no Brasil como, e com o, povo Brasileiro. Uma ética que rompe radicalmente com a ética colonialista da opressão e da exclusão, que rompe com a moral do niilismo, na sociedade Brasileira; e passa a pensar e a agir no diálogo, no sentido da atualização de possibilidades, e no sentido da humanização.

É preciso, assim, pensar fundamentalmente, e explicitar, e atualizar a abordagem de Paulo Freire a partir de suas premissas éticas. E, das premissas desta ética decorrentes, pensar e explicitar o método de uma pedagogia, de uma abordagem, que, por radical respeito à radical humanidade e radical alteridade das classes e das pessoas das classes oprimidas e excluídas -- mas, na verdade, por respeito à humanidade e à alteridade de qualquer pessoa --, se constitui conseqüente e radicalmente como uma pedagogia dialógica.

b. História e ética

Paulo Freire não era um historiador. Profundamente consciente das determinações históricas e culturais do Brasil, das evidências cotidianas e não cotidianas da opressão e da exclusão, tão frequentemente tão gritantes e escandalosas, vai às questões centrais. A questão humana no Brasil. A opressão das massas no Brasil pelo processo da colonização; a desumanização gritante dessas massas e das pessoas que as constituem. Determinadas pelo mecanismo do colonialismo; votadas à perpetuação pela interiorização da opressão e dos mecanismos da exclusão e da desumanização colonial, assumidos em seu interesse pelas classes

internas dirigentes, depois da independência política do país e da proclamação formal da República.

Ao lado do colonialismo, das realidades factuais da opressão, da exclusão, e da desumanização, Paulo Freire constata e declara, explícita e ativamente – quase que diríamos: *jovial e alegremente* --, a humana condição do possível, do humano carecimento de *ser mais*, o carecimento e possibilidade intrinsecamente humanos para a **superação**. Mesmo quando as condições históricas determinam o abjeto, e o mais abjeto *ser menos* da desumanização que não vacila até mesmo à determinação irrevogável do sofrimento e da morte individual e massiva pela inanição e pela sede, como condição naturalizada da opressão e da exclusão.

Paulo Freire é o antípoda do religioso conclave na Universidade de Salamanca que versava sobre a decisão acerca de se teriam alma ou não os indígenas da América, e, naturalmente, por extensão, os Negros, Mouros, Mamelucos, e outros mestiços Africanos e Amerindigenas. É afirmativa, radical e incondicional, a sua opção pela genericidade da condição humana, e pelo imperativo indestrutível de sua humanização – em particular nas condições históricas que o colonialismo deixou e deixa as massas e as pessoas das massas dos oprimidos e excluídos – *ofendidos e humilhados*. Esta é parte fundamental de sua premissa ética mais originária, diante da condição das massas e das pessoas das massas oprimidas dos excluídos do Brasil. Toda pessoa das massas dos oprimidos e excluídos detém o poder, e o inalienável direito de *ser mais*; detém em si a potência do possível, mesmo quando historicamente constrangidas ao *ser menos*, e a se desumanizar. Tem a capacidade e o direito cristalinos de ser mais, de se criar como humano e de criar o mundo que lhe diz respeito, em consonância com o desenvolvimento atual da humanidade, com a sua potência e alegria criativas.

Esta postura, esta ética, e a sua essencial radicalidade, não eram nem são comuns no Brasil. Mesmo hoje, temos vastos segmentos da população, que frequentemente nem mesmo são das classes dominantes, e que naturalizam as enormes desumanidades que o processo de colonização, e a substituição dos colonialistas externos pelas classes dominantes brasileiras, reservaram para as classes despossuídas e excluídas do usufruto dos produtos do processo de produção coletiva da riqueza no Brasil.

Pois esta radicalidade ética, de não negar a humanidade nem a alteridade, e de nem negar o imperativo da humanização a nenhuma pessoa, por mais excluída e oprimida que seja, é a base ética da abordagem de Paulo Freire.

c. Ética: Dialógica e Estética, Poiética

A *Dialógica*, o modo de sermos do *Diálogo*, são própria e eminentemente *estésicos*. Ou seja: são vivência pré-reflexiva, pré-comportamental, pré-pragmática, fenomenológico existencial poiética. E, em assim sendo, são *Estéticos*. O diálogo e o dialógico, como vivência e atualização de possibilidades, que é ação, a atualização, é *poiético*; e para isto é estético.

Assim, a *Estética*, a *ética da estesia* -- além de ser, própria especificamente, uma *Ética*, é eminentemente *Poiética*. Isto quer dizer que, *poiética*, ela privilegia o modo fenomenológico existencial de sermos, como modo de sermos da *vivência do possível*, da vivência da possibilidade, da potência, da vontade de possibilidade, e o desdobramento desta, na *ação*, na atualização, que especificamente é o que entendemos e chamamos de *poiese*.

A *Dialógica*, portanto, o Encontro *Dialógico*, são estéticos, e poiéticos. E assim, a *ética* e a metodológica da abordagem freireana são, própria e especificamente *dialógicas*, *estéticas* e *poiéticas*, na medida em que privilegiam o modo estético e poiético de sermos, o modo de sermos no qual vivenciamos possibilidades, e agimos, como desdobramento destas..

Naturalmente que Freire, professor formado, advogado, filho de militar, não se incluía entre as formas mais rudes da exclusão e da opressão. Constatadas as evidências cotidianas dos oprimidos e das opressões, as evidências cotidianas dos excluídos e das exclusões, inclusive na cotidianidade de suas monstruosidades, competia a Freire não só pensar os oprimidos e os excluídos, e suas condições e circunstâncias, humanas, e desumanas; mas, sobretudo, pensar os oprimidos e excluídos, e com eles interagir, de forma que não reproduzisse, simplesmente, a opressão e a exclusão; mormente ao se pensar e atualizar, operacionalizar, uma educação para os excluídos e oprimidos.

Não reproduzir a opressão e a exclusão significava, e significa, sobretudo, e em primeiro lugar, não participar dos, e não reproduzir os ardilosos, astutos, covardes, e históricos mecanismos ideológicos de negação da humanidade e da alteridade radicais dos oprimidos e excluídos; não negar a humanidade e a alteridade dos oprimidos e excluídos, e disso fazer um princípio radical. Não negar a humanidade e a alteridade dos oprimidos e excluídos das formas mais óbvias e evidentes; e, sobretudo, não negar das formas mais ou menos veladas e astutas das ideologias da dominação, da colonização, da opressão e da exclusão; em suas dimensões cotidianas, e não cotidianas.

Para tal, apenas o reconhecimento radical, e ativo, a afirmação da afirmação, tácita e explícita, da humanidade e da alteridade dos oprimidos e excluídos; em sua constante e indestrutível labuta de fazer-se *ser mais* e *melhor*, nas históricas condições e mecanismos

históricos mandatórios do *ser menos* da opressão e da exclusão. A crença na e ação da utopia, e da poiese do inédito possível e viável da história, nas constrictões históricas do *ser menos*. Pela simples atualização da potência da ação como conhecimento e muscularidade, e pela negação dos mandatos de ser inerte, e impotente.

É que no diálogo, no estético, no poiético, somos *possível*, somos potência, e atualização, somos ativos nos músculos e na consciência, no pensamento, no conhecimento e na ação motora; e incomodamos o mundo *acontecido* com o *acontecer* da criação de nós próprios e do mundo que nos diz respeito.

A genialidade ética de Paulo Freire -- esteticamente, certamente --, conectou a dimensão ética de sua leitura da historicidade da opressão e da exclusão no Brasil, de sua repulsa a estas; com a ontológica ética, estética, poiética, dialógica, da vivência da potência da possibilidade, e da ação. E destas dimensões de sua ética se constituiu a metodológica de sua abordagem.

Vale lembrar a observação de Buber -- no *Elementos do Inter Humano*, em **Do Diálogo e do Dialógico**¹ --, de que, quando encontramos um outro ser humano, conhecemos o nosso caminho até ele; não conhecemos o caminho dele até nós. O caminho dele até nós e ele próprio, na pontualidade de suas potências e atualização, só nos pode sere dados, momentaneamente, na *dialógica* do *Encontro*; no *Diálogo Inter Humano*. Que é estético, e poiético.

Daí que, o radical reconhecimento da humanidade, e da alteridade, do oprimido e excluído, como princípio ético e metodológico, nos impede o direito de hipostasiá-lo, de pressupô-lo, teórica, comportamental, ou pragmáticamente, seja lá em que dimensão for. Não nos permite, em momento algum, decidir por ele e para ele, seja lá em que momento for, sejam quais forem os motivos, sejam quais forem as nossas idéias e condições. O respeito pela humanidade do oprimido e excluído necessariamente passa pelo reconhecimento de sua alteridade radical, desconhecida alteridade, que só nos pode ser dada pela dialógica, eventualmente conflitiva, do *Encontro*, do processamento empírico e experimental do *Dialógo inter humano* com ele; quer seja individual, ou coletivamente. E que decorrem do reconhecimento incondicional de suas capacidades para a vivência do possível, para a *ação*, para a *atualização*. Tanto ao nível do conhecimento, do processo de produção de seu conhecimento, como ao nível de sua motricidade.

Daí que, junto com um princípio do reconhecimento radical e conseqüente da humanidade e da alteridade do oprimido e excluído, é uma implicação ética e metodológica básica e natural, um princípio congênito, o princípio radical e conseqüente da disposição para o

¹ BUBER, Martin *Elementos do Inter Humano*. In **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo. Prspectiva, 1985.

encontro inter humano, ou seja: a disposição decidida e franca para a estética do *Diálogo*, para a *Dialógica Inter Humana*; para, junto com ele, e na *inter ação*, pensar, agir, interagir, como únicas formas possíveis e lícitas. Trata-se, assim, de reconhecer a sua alteridade e a sua humanidade, trata-se da relação e da dialógica com ele enquanto alteridade absoluta.

Este é o âmbito de partida, e o principal âmbito de toda a atividade no decorrer da vivência da abordagem freireana.

d. Ética: poi-ética

O Dialógico é Estético, a Estética é Poiética.

A Estética é poiética porque é condição, é o âmbito do modo de sermos no qual pode dar-se o *poiético*. Ou seja, o modo de sermos no qual vivenciamos o possível, modo de sermos da vivência da possibilidade, da vivência da vontade de possibilidade, e da superação.

A vivência de possibilidades é, igualmente, a vivência do desdobramento destas, e é este desdobramento que entendemos como *ação*. E como *superação*.

A *ação*, assim, é a vivência fenomenológico existencial dialógica, e estética, de possibilidades; e do desdobramento destas. As possibilidades em sua vivência são forças. E o próprio das forças, enquanto tais, é que elas se desdobrem. A *ação* é vivência de possibilidades e a vivência do natural desdobramento delas, no processo da superação. A *poiese* é o modo de sermos que produz as formas de nós mesmos e do mundo que nos diz respeito, pela atualização de possibilidades. A estética é o modo de sermos da poiética. O modo de sermos que privilegia a vivência de possibilidade e do desdobramento delas é assim uma ética, *poiética*, o modo *poiético* de sermos. O modo de sermos da ação, e da superação. Nietzsche diria: e eis o que segredou-me a existência: *eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente...*

A *apreensão* como conhecimento vivencial -- fenomenológico e existencial, dialógico, pré-reflexivo, pré-conceitual, pré-prático, pré-real --, a apreensão como conhecimento, como ação, da possibilidade vivenciada no âmbito do modo estético de sermos faz com que este modo de sermos seja o modo de sermos **com-apreensão**; ou seja, o modo de sermos da **compreensão**: o modo compreensivo de sermos, o modo de sermos *com apreensão* do possível, das possibilidades, em seu desdobramento. Estamos *implicados* na vivência **compreensiva** da possibilidade, e da ação que ela constitui

com o seu desdobramento. De modo que o modo compreensivo de sermos, o modo estético, poético, dialógico, de sermos é modo de sermos da **implicação**.

Modo de sermos este ao qual se contrapõe o modo de sermos que não é da ordem da **implicação**. Mas é o modo de sermos da **explicação**. O modo **teorético** de sermos.

O conhecimento estético, a ciência estética, é conhecimento ativo, atualização de possibilidade, que se dá no modo estético de sermos, pré-reflexivo, pré-conceitual, pré-comportamental. E que é conhecimento compreensivo, no qual estamos implicados. Pode se dar ao nível do conhecimento meramente *compreensivo*; ou pode se prolongar, também, ao nível do conhecimento – compreensivo -- ativamente muscular.

Podemos dizer que o modo estético de sermos é, enquanto conhecimento, um modo de *ver*. Uma visão, um vislumbre, do possível em seu desdobramento ativo, e que nos constitui. Um modo de ver em que, compreensivamente, implicativamente, vivenciamos o vislumbre do possível, e o seu desdobramento como ação, atualização. Meramente compreensiva, ou compreensiva e muscular.

É este o modo de vermos, o modo de sermos, e a visão estética, e poética, dialógica, do **ator**, do **agente**.

Igualmente, o **teorético** é um *modo de ver*.

Mas o **teorético** não é o modo de ver *estésico*, estético, dialógico, e poético, **do ator** – como vimos, o estético é especificamente o modo de *ver* do ator --; o teorético é o modo de ver, de abstração, e de inação, do *espectador*.

Assim, o *teorético* não é um modo de vivência de possibilidades, e de vivência do desdobramento destas, na ação, atualização. É um modo *intivo* de sermos, no qual re-incidimos sobre o que se atualizou como vivência, e vivência do desdobramento, de possibilidade.

No modo teorético de sermos *re(a)presentamos* aquilo que se atualizou, ou seja: aquilo que se *apresentou*, como produto da ação, no modo de sermos pré-reflexivo, pré-conceitual, pré-comportamental, e originário, da vivência e da vivência do desdobramento de possibilidades.

Originalmente, o *estésico* é nome de um vento que sopra na Grécia numa determinada época do ano, e que impulsiona as velas dos navios. Eis aí a origem do conceito, de *estésico*, de *estesia*, e, no limite, de *estética*: a *ética* da *estesia*. A pulsão do possível que impulsiona a ação, no modo dialógico e fenomenológico existencial de sermos, modo estético de sermos, foi entendida por analogia, como devir (de vento), como similar ao vento *estésico* -- que impulsiona as velas dos navios. Daí ser designada como *estesia* a vivência de corpo

e de sentidos, que permite a vivência da pulsão das possibilidades, impulsionando a ação, a atualização. Por isso, pela vivência das possibilidades e do seu desdobramento, este é o modo de *poiético* de sermos -- em que vivenciamos a *estesia*, a ação decorrente da atualização de possibilidades.

Poiético, portanto, refere-se à ação, à criação, à vivência de possibilidades e do seu desdobramento, na ação, no modo vivencial, estético, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos. A *poiese* é a criação que se constitui no desdobramento de possibilidades, na ação, ao modo estético de sermos.

O modo *dialógico* de sermos é o modo de sermos da vivência empírica fenomenológico existencial, estética e poiética. Dá-se sempre na dinâmica interativa, e implicativa, da dualidade eu-tu. Eu-tu que, enquanto vivências de possibilidades, mutua e alteritariamente se constituem, se desdobram, e desvelam, na interação, inter humana que chamamos de *diálogo*.

O *Dialógico* é *estésico*. O *Dialógico*, *estésico*, é *estético*; e é *poiético*. E estes termos podem ser intercambiados em seus conceitos e conotações implicativas. A *estética* é *dialógica*, e é *poiética*. A *poiética* é *estésica*: é *estética*; e é *dialógica*. Como vivência e desdobramento de possibilidades, o dialógico, o estésico, o estético, o poiético, são eminentemente *ativos*. São eminentemente ação, *interação*.

3. Dia Logos

Para a Filosofia do Dialógico, de Martin Buber², temos dois modos de ser. O modo **eu-isso** de sermos, e o modo de sermos **eu-tu** – este, desde já, o nosso modo ontológico de sermos, o modo *dialógico* de sermos.

Vivemos na cotidianidade do modo *eu-isso* de sermos. É o modo de sermos da repetição, e do acontecido em nossas vidas; o modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, da objetividade, modo de sermos da causalidade, dos úteis e das utilidades, do uso; e o modo de sermos do realizado e da realidade. Que se opõem ao modo de sermos, eu-tu, do possível e da possibilidade.

Não é difícil entender que o modo teórico, assim como o modo comportamental, e o modo pragmático de sermos se definem como modos de sermos do eu-isso. Como observamos, o modo teórico é, por definição, o modo de sermos da visão do espectador, que contempla um objeto: o objeto que foi objetificado, realizado,

² BUBER, Martin **Eu e Tu**. São Paulo, Mores, 1982.

pela ação. Reincide sobre tal objeto, agora sob a ótica do espectador. Uma ótica diferente da ótica da vivência do ator, uma ótica diferente da ótica do ator no processo de sua poiese, de sua *feição* – *perfeição* --, no processo da ação, da atualização de possibilidades.

O teórico *re(a)presenta* a possibilidade que se *apresentou* -- que se atualizou, que se objetivou, que se realizou, no decorrer da ação do ator, como ex-pressão da *ação*; possibilidade em desdobramento, em atualização, em realização, em coisificação.

O *comportamento*, da esfera do eu-isso, é a nossa dimensão da atividade repetitiva, padronizada, para a qual se tem uma expectativa; o *comportamento*, na qualidade de seu modo de ser, é diferente da *ação*; que é, própria e especificamente, a esfera do *eu-tu*.

O modo *eu-tu* de sermos é momentâneo e incontornavelmente recorrente em nossas vidas, em sua potência de vir a ser. Irrrompendo, em sua agressividade de potência, no âmbito do modo eu-isso de sermos; desconstruindo, e criando, e re criando em nossas vidas. É o modo especificamente *ontológico* de sermos.

De duas formas o modo de sermos *eu-tu* – ou seja, o *vivencial*, o *fenomenológico*, e *existencial*, o *ser no mundo*, o *dialógico* -- é *Ontológico*: (1) é **Ontológico** enquanto o **modo próprio e específico de sermos da vivência do sentido**, o *sentido que é Logos*. (2) É *Ontológico* enquanto o modo de sermos que constitui **a característica que nos define enquanto seres, humanos, para a disciplina filosófica da Ontologia**. Os humanos são seres que vivenciam o sentido, o *Logos*: esta é a sua característica definidora. Vivenciar o *Logos*, que é o *onto logos*, é a característica ontológica dos seres humanos.

Assim, o *ontológico* -- em termos de definição da humana categoria de ser --, é que somos *ontológicos* -- ou seja, vivenciamos o *sentido*, que se atualiza a partir de nossa vivência de possibilidades.

O modo ontológico, fenomenológico existencial, estético, de sermos é o modo de sermos em que somos ***presença***. A ***presença***, *pres-ença*, se define como **o modo, ontológico, pré-coisa, de sermos**. O modo de sermos, em que -- eu-tu, dialógica fenomenológico existencial --, somos vivência de possibilidades, e do desdobramento destas; antes que este desdobramento nos conduzam a *entificação*, ou seja, à esfera dos *entes*, das coisas, eu-isso. O modo ontológico de sermos, eu-tu, dialógico, fenomenológico existencial, é um modo *pré-ente*, *presente*, *presença*; de sermos como o vir a ser da ação de atualização do possível.

Diferentemente do modo eu-isso de sermos, o modo *eu-tu* de sermos é **o modo de sermos do acontecer**, a partir da vivência e do desdobramento, da ação, da atualização de possibilidades, em nossas vidas. É estético, e poético. Como modo de sermos da

vivência e atualização de possibilidades, está fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, sendo anterior à vigência desta dicotomização. Não é da ordem da causalidade, nem é da ordem dos úteis nem das utilidades; estando igualmente fora da ordem das relações de causa e efeito; e caracterizando-se própria e especificamente, em sua vivência e vigência, como *desproposital*. Não é, portanto, um modo de sermos da ordem do teórico – que especificamente se constitui como um afastamento do modo eu-tu de sermos; da mesma forma que não é da ordem do comportamental, da mesma forma que não é da ordem de uma prática, nem de uma pragmática.

Como é o modo de sermos marcado e impregnado pela vivência de *possibilidades*, e pela possibilidade do desdobramento destas, não é da ordem da *realidade*.

Nem teórico, nem prático, constitui-se -- pela vivência de possibilidade, e pela atualização destas --, como o modo *poiético* de sermos, que só se constitui esteticamente, como vivência estética, fenomenológico existencialmente, dialogicamente.

O modo dialógico de sermos -- modo de sermos eu-tu, estético, poiético -- se constitui na esfera da **relação com a natureza não humana**; na esfera da **relação com outros seres humanos** – a esfera do *inter-humano*; e na **esfera da relação com o sagrado**.

O termo, e o conceito, de *Dia-lógico* referem-se à característica de que o vivencial, o fenomenológico existencial, o compreensivo, a vivência de possibilidades, e do desdobramento destas, na ação, se dão como vivência de sentido. Vivência de sentido que é a estética, e poiética, do dinamismo da **implicação interativa numa relação com uma alteridade não objetiva, e radical, intencional – intensional** --, que se constitui como **a radicalidade alteritária de um tu; em sua potência, possibilidade, e possibilitação, ação, enquanto tal. Uma relação eu-tu. Cujas dinâmicas estética, e poiética, se dá como a movimentação implicativa de um eu em direção a um tu, enquanto alteridade radical; e vice versa.**

Esta dinâmica interativa e implicativa constitui um **campo de compartilhamento e de produção (Dia) de sentido (Logos)**, a partir da vivência e da vivência do desdobramento de possibilidades, e de ação, de atualização de possibilidades: um **Campo Dialógico**.

O **logos**, no caso, referindo-se ao sentido que é compartilhado **compreensivamente**; meramente como ciência ativa, ou como ciência ativa e ação muscular. E o **Dia** como a dinâmica **reciprocamente implic-ativa; estética e poiética**, da movimentação da possibilidade e da possibilitação do *tu*, para a possibilidade e possibilitação do *eu*, e vice versa; na constituição do *campo dialógico* da momentaneidade da relação eu-tu: *dialógica, diálogo*.

De modo que, reconhecendo e afirmando a condição de humanidade, e de alteridade radicais, e a intrínseca potência de humanização dos oprimidos e excluídos do processo da colonização do Brasil, e do mundo, e da neo exclusão e opressão perpetradas pelas classes dominantes, no período pós independência e pós República no Brasil -- sua radical alteridade, enquanto classes e enquanto pessoas constituintes destas classes --, só restava à abordagem de Paulo Freire se enraizar e se entregar a uma dialógica radical com essas alteridades radicais.

Daí ser a *dialógica*, o *diálogo*, um outro elemento central da ética, e da metodológica, da abordagem de Paulo Freire.

4. Empirismo Experimental fenomenológico existencial dialógico.

O fenomenológico, o existencial -- o vivencial, o ser no mundo, o dialógico, o eu-tu, o estético, o poiético -- são eminente, própria e especificamente, ***Empíricos***, e ***Experimentais***. Além de ***experienciais*** -- no sentido fenomenológico --, naturalmente.

Mas isto -- *empírico*, *experimental*, e *experiencial* --, é bom que se acentue, num sentido muito particular dos termos. Ou seja, no seu sentido especificamente fenomenológico e existencial. O que, num sentido geral, quer dizer, em particular, que não são *teóricos*, nem *comportamentais*. Da mesma forma que é um modo de ser excluído da ordem da *prática*, e da *pragmática*, portanto -- porque, em sua *empírica* vivência, própria e especificamente, vigora o estético desproposital da poiética, do desdobramento, da atualização, de possibilidades; o estético desproposital da ação, que se dá fora do modo de sermos das relações de uso e de utilidade.

A abordagem de Paulo Freire -- qualquer abordagem dialógica, fenomenológico existencial dialógica, e experimental; na verdade qualquer abordagem fundada na ação, e que almeja a ação --, é, portanto, um *Empirismo*: porque o *diálogo* e o *dialógico*, que são um de seus fundamentos mais importantes, não são nem *teóricos*, nem *práticos*, nem *comportamentais*; são, própria e especificamente *empíricos*; *estéticos*, e *poiéticos*.

Naturalmente que tão importante quanto entender, reconhecer e afirmar isto, não obstante, é qualificar adequadamente, reconhecer e afirmar o que se entende por *Empirismo* neste sentido; de que tipo de *Empirismo* se trata, quando assim o entendemos.

É interessante observar que esta questão -- a questão do seu caráter seu *empírico* --, é, contemporaneamente, ao mesmo tempo, um elemento central, ponto crítico, da abordagem freireana. Responsável, talvez, enquanto ponto conflitivo, por uma certa crise e

paralisa, e por uma certa alienação, no âmbito dos que se interessam e praticam a abordagem.

Ante tudo -- diante da constatação do caráter *empírico* da atualização da ética e da metodológica dialógica de Paulo Freire --, é importante, que se reconheça, entenda, e que se reitere o papel exercido, em suas posições, e em sua ética, pela utopia marxiana; e o caráter dialético marxiano de sua análise histórica, e da sua crítica social. Na qual, como bom *empirista*, ele não ia muito longe, em termos quantitativos. Em nome da estética e da poética da atualização da pontualidade do devir histórico.

Em termos qualitativos, a análise da alienação, e a perspectiva de sua superação; e a utopia marxiana, como observamos, exerceu uma função de relevo e uma importância fundamental na compreensão e explicitação da realidade da opressão e da exclusão no Brasil. Na compreensão das potências de superação das condições históricas da desumanização, da opressão e da exclusão.

Dialéticos Marxianos, e Marxistas, têm, naturalmente, uma aversão ao Empirismo. Mormente, e especificamente, ao Empirismo Positivista, Objetivista; contra o qual se insurge a epistemologia e a metodologia dialéticas.

Para reivindicar, e esclarecer, em particular, as *determinações* e os *nexos* históricos especificamente *não empíricos* da realidade empírica; o caráter de negatividade que o empírico exerce com relação ao concreto. E a necessidade do movimento de pensamento numa negação do empírico: que é negação da negação, para a elucidação das determinações históricas não empíricas que configuram a concretude histórica da totalidade social.

Enquanto ética e metodológica de sua análise social, Paulo Freire não poderia se contentar -- não podemos nos contentar -- com o caráter chapado e superficial, "*empírico*" -- no limitado sentido objetivista --, da realidade social, da realidade da sociedade Brasileira, da concretude histórica da opressão e da exclusão. Urgia, e urge buscarmos desveladamente as suas determinações históricas, os seus nexos, não empíricos, a constituição histórica de sua concretude não empírica.

E, para tal, a concepção dialética da história, e os produtos da pesquisa histórica dialética são fundamentais. Conformaram estes, em particular, a compreensão da concretude da historicidade da exclusão e da opressão na sociedade Brasileira. Conformaram estes a base para a utopia freireana, para um pensar utópico que entende que as massas e as pessoas das massas excluídas e oprimidas do Brasil assim o são por determinações históricas concretas; e que, por determinações igualmente concretas, e históricas, pelo seu carecimento ontologicamente humano de ser mais, pelo seu

carecimento de humanização, podem, e estão, a superar -- no âmbito da ação, da atualização do possível, da atualização do *inédito viável* --, as condições a que lhes relegou a opressão e a exclusão históricas.

Como vimos, então, reconhecendo, radical e efetivamente, em sua ética, a humanidade e a humanização das massas, e das pessoas das massas oprimidas e excluídas do Brasil, só restava a Freire reconhecer e considerar a realidade histórica de sua condição; e reconhecer e considerar efetivamente, para qualquer inter ação, a sua alteridade radical. E, a partir destas premissas, disponibilizar-se radicalmente para o *diálogo*, e para o *encontro dialógico radicais* -- que, a princípio, e por princípio, reconhecem, consideram, afirmam, e interagem com a alteridade --, como premissa, e com efetiva disposição para qualquer cooperação, para qualquer interação, para qualquer atuação que com eles se pudesse desenvolver.

Aí, já não se trata mais, simplesmente, de ler criticamente a história; aí, já não se trata mais de repetir a história. Trata-se, sobretudo, em particular, de criar a história; trata-se da *poiética* da história na ação, na atualização, a partir das potências dos possíveis disponibilizados na dialógica inter humana da estética do encontro; a partir das potências do possível, agenciados no diálogo.

Cultivar, desdobrar, atualizar estes possíveis em suas potências -- que só se dão empiricamente, na *dialógica do encontro*; é, própria e especificamente, o *caráter Experimental*, no sentido fenomenológico existencial, da ética, da estética, e da metodológica dialógica da abordagem feireana.

O diálogo e o dialógico são estéticos, são poiéticos -- são vivenciais, fenomenológico existenciais. E isto significa dizer que, própria e especificamente, são *empíricos* e *experimentais*.

Isto significa dizer que o diálogo e o dialógico são vivência fenomenológica e inter ativa, vivência imediata de corpo e de sentidos. Não são da ordem da experiência teorética, nem da ordem da experiência comportamental -- experiências abstrativas de corpo, de vivência e de sentidos. Significa dizer, que o diálogo e o dialógico são estéticos, vivência fenomenológica imediata de corpo e de sentidos; não são teoréticos, não são técnicos, não são comportamentais, não são moralistas, não são práticos, não são pragmáticos. Na pontualidade da sua ação, como fenomenológica e existencial vivência e vivência do desdobramento de possibilidades, não são, nem mesmo, da ordem da realidade. Ainda que constantemente a criem. E isto, e que assim seja, é condição de possibilidade da poiética da ação, da poiética da história, que caracteriza a atualização, a criação; que é, simultaneamente, auto criação e criação do mundo que nos diz respeito; e que se constitui como desdobramento, e como atualização, de possibilidades -- ação.

Assim sendo -- por ser *estético* --, o dialógico é, própria e eminentemente, empírico, no sentido fenomenológico existencial. Por ser *estético*, o empirismo fenomenológico existencial é dialógico. Por ser *dialógica* a estética é fenomenológico existencial empirista; por ser *dialógico* o empirismo fenomenológico é estético. Por fenomenológico existencial *empírico*, o dialógico é estético; por *empírico* o estético é dialógico.

A ação é fenomenológico existencial empírica, estética, e dialógica. Da mesma forma que o são o encontro dialógico, e a sua poética: a vivência e a atualização de possibilidades na dialógica, no encontro dialógico inter humano, são própria e eminentemente estéticas, dialógicas e empíricas.

A ação é empírica porque -- em sua intrínseca e essencial atualização de possibilidades --, a ação se dá como vivência fenomenológico existencial. Que é vivência, *experiência*, *experimentação*, pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica, pré-comportamental, pré-pragmática.

O dialógico, âmbito eminentemente da ação, é, portanto, *empírico*, e *experimental*.

Mas, é importante observar que aqui, estamos muito longe do *empirismo objetivista*, abominado pela Dialética, e pelos dialéticos.

Porque se trata, aqui, de um *empirismo não objetivista*. Trata-se, especificamente, do *empirismo fenomenológico existencial dialógico*. Que se constitui como tal em virtude das condições de não ser nem teórico, nem de ser comportamental. Configurando-se positiva, e afirmativamente, como vivência imediata do risco e da tentatividade inerentes à atualização de possibilidades. Atualização, ação, que se dá, como sabemos, no modo fenomenológico existencial de sermos – modo de sermos dialógico, estético, compreensivo, e... empírico. E que se constitui, enquanto modo de sermos, alguém mesmo da dicotomização sujeito-objeto. A vivência fenomenológico existencial, empírica e experimental, se constitui enquanto tal na correlação intrínseca e intencional – intensional --, homem - homens, homens – mundo, solidariamente correlativos, de um modo inextrincável, anteriormente a qualquer possibilidade de cisão, modificados, criados e recriados, pela poética da histórica da ação.

O empirismo fenomenológico existencial dialógico, experimental – estético e poético --, é *diacrítico*, é crítico – na medida em que é, própria e especificamente, ação; ou seja, movimento e mudança, a partir da atualização da potência do possível, desencadeada no e pelo limite da condição histórica.

Talvez até pudéssemos dizer que se trata de uma *dialética*. Na medida em que, no fenomenológico existencial dialógico -- empírico,

estético, e poiético --, *atravessamos* e abandonamos o *esquecimento* – o *lethos* -- que se configura como realidade acontecida, objetiva e utilizável, teórica, e comportamental, pragmatizável; para adentrarmos e nos imbuirmos em nosso modo de ser de força, de potência, de possibilidade, de atualização, de ação, de criação de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito.

Ao pensarmos em dialética, neste sentido, se é que é o caso, não podemos pensar, todavia, numa dialética *da negação*, e da *negação da negação*. Porque, neste caso, efetivamente se trata de *afirmação*, e de *afirmação da afirmação*...

Esta, afirmação, exige a disposição para **tentar**. E, em particular, a disposição para **arriscar**, para **correr o risco**, da atualização de possibilidades que conhecemos na vivência da *Gestalt* de sua potência, mas que não conhecemos na potência do detalhamento ativo de suas partes, de seus elementos constituintes – que só se dão pelo processamento vivencial da ação. O que não nos impede a disposição para *tentar* e *arriscar*. Porque esta disposição, é própria do devir, é própria da ação, é própria da superação, é própria e necessária à criação. Que ontologicamente nos caracterizam como humanos.

Tentar e **arriscar**, **correr o risco da atualização do possível**, é o sentido do verbo Grego **perire**. Que está na raiz do termo e do conceito de *perigo*; da mesma forma que é a raiz do termo e do conceito de **perícia**; e dos termos e conceitos de *empírico* e de *experimental*, no sentido fenomenológico existencial. Da mesma forma que está na raiz de termos e conceitos como *inspirar*, *expirar*, *respirar*, *pirata*, *pirar*...

Sempre a tentatividade e o risco, perigantes que somos, ontologicamente; mas sempre, também, a alegria, da atualização do possível, da potência da ação, e do seu retorno.

A *dialógica*, fenomenológico existencial que é, se caracteriza, assim, como *fenomenológico existencial empírica*, *estética*, porque é a visão -- na verdade o *vislumbre* --, na *improvisação*, e a ação, **do ator**. Seja ele ator individual, diádico, ou coletivo. Mas sempre ator, na empiria improvisativa da ação. A dialógica é anterior e é radicalmente distinta em sua qualidade, da visão, do modo de ver, e da inação, do espectador, teorético...

A dialógica é ainda empírica e experimental porque é um fazer-se ao largo a partir das raízes do devir, enquanto possibilidades que movem a ação; ao invés da mera permanência no *porto* do *com-portamento*. É um *arriscar* e um *tentar*, um *arriscar* e uma tentativa de fluência na potência do possível, vivenciado pré-reflexivamente, pré-conceitualmente, pré-teoricamente, pré-comportamentalmente, pré-pragmaticamente, empiricamente. Um *arriscar* e *tentar* a ação, a

atualização, a criação de si mesmo, o que envolve a criação do mundo que lhe diz respeito.

Um aspecto muito importante do empirismo fenomenológico é que, ao contrário do empirismo objetivista, o empirismo fenomenológico não se move em um preconceito e aversão contra teoria, e contra a teórica. O empirismo fenomenológico não briga com a teoria e com o teórico. O momento vivencial é incontornavelmente *empírico*. Mas passada a pontualidade de seu momento, a teorização, a reflexão são inevitáveis, e necessárias. A grande questão do empirismo fenomenológico, da ação, da atualização, é que elas, a reflexão e a teorização, são determinadas pela vivência empírica da ação, e a esta se subordinam. A reflexão e a ação não substituem a especificidade, a qualidade, a importância ontológica, da pontualidade da vivência empírica.

De modo que, própria e eminentemente dialógica, na relação inter-humana, estética e poética da ação, a abordagem freireana é própria e especificamente empírica e experimental em sua ética e em sua metodológica. Porque essas são as condições do conhecimento como ação, e da ação como conhecimento, da ação e do conhecimento que nos modificam, e que modificam o mundo como atualização do possível que nos é ontologicamente imanente. Porque o Diálogo é, e só pode ser, *empírico* e *experimental*; no sentido fenomenológico existencial, estético, e poético.

5. Interesse, *inter essere*, o desafio do Diálogo, e da Dialógica.

O *interesse* é o desafio maior da dialógica, é o próprio desafio do diálogo e da dialógica, e da metodologia da abordagem de Paulo Freire. Porque o *interesse*, com efeito, é a própria essência da dialógica, do encontro, do diálogo.

Refere-se o interesse, nesse caso, ao interesse radical de cada uma das partes envolvidas no processo do encontro dialógico inter humano; e ao interesse como envolvente de ambas, ou múltiplas, partes do diálogo.

É o desafio maior porque o *interesse* é a própria constituição do encontro dialógico, é a própria dialógica, é o próprio diálogo, é a própria **esfera do *inter***, a **esfera do *entre*** – o *ser entre, inter essere* --, que constitui o ***campo dialógico**** **do eu-tu**. *Inter essere* e

* Essa idéia e expressão de *Campo Dialógico* surgiu no diálogo e interessante interação em aula com a interessante turma do Programa de Formação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana --, de Fortaleza, de 2009.

dia logos coincidem. O *inter essere*, interesse, se constitui na medida da qualidade, da força criativa, da atualização, das possibilidades que a qualidade do encontro, do diálogo, engendra, mobiliza e desdobra nos seus parceiros; e como vinculação deles. A emergência e atualização do possível, como qualidade do encontro dialógico constitui o caráter da vivência de seu interesse – *inter essere*.

O modo de sermos vivencial -- fenomenológico existencial --, do dialógico, engendra a relação eu-tu como o que Buber chama de ***esfera do entre*** –, ***a esfera do inter***. Este *entre* não é o “entre” da relação entre dois objetos, como um intervalo entre dois objetos, já que, neste modo de sermos, estamos fora da dicotomia sujeito-objeto. Não vigora o objeto, da mesma forma que não vigora o sujeito – de modo que não faz nenhum sentido que se fale da pomposa *intersubjetividade*. Mas o *entre* como campo dialógico que envolve os parceiros da relação eu-tu, da relação *inter* humana, da *inter* ação (o *entre*, por exemplo, de quando dizemos, ***cá entre nós***: ...). Que se constitui como o dinamismo da dialógica eu-tu, mas não é relação sujeito-objeto.

É esta esfera fenomenológica e existencialmente intencional -- e intensional --, da dialógica do inter humano que permite a emergência compartilhada de possibilidades, o seu comparilhamento emergente, a sua vivência, e o seu desdobramento, no campo dialógico intencional, e intensional, da relação inter humana eu-tu. Esta esfera estética do *inter* -- na qual vigoram e se desdobram as possibilidades compartilhadas, no campo dialógico da relação eu-tu --, é *ser*, *de vir*, vir a ser, do *entre*, do *inter*. O *interessere*, o *interesse*, o interessante.

O poder galvanizante, assim, do interesse deste, e neste campo dialógico fenomenológico existencial, é proporcional à força e poder criativo que a qualidade e a disposição para a atualização das possibilidades suscitam como campo compartilhado de vivência e de produção de sentido, de ação; de vivência e desdobramento de possibilidades.

De modo que a própria constituição do interesse é assim indicativa da constituição e da qualidade do campo dialógico entre os parceiros, da constituição e da qualidade do campo dialógico da relação eu-tu, do encontro dialógico. A potência do interesse, a potência da dialógica, é diretamente proporcional às possibilidades e a afirmação das possibilidades que são engendradas entre os parceiros, no campo, e na momentaneidade do campo dialógico. Mas o interesse é o próprio campo dialógico. Ale se deve tanta consideração como ao próprio encontro, e dialógica.

Assim, tudo que impede e embaça a dialógica; tudo que, portanto, impede e embaça a potência e o desdobramento da potência da possibilidade que no seu âmbito se constitui, impede e

embaça também o interesse, tal é a coincidência do *interesse* com a *dialógica*.

Tudo na relação, no *eu-tu*, no *dialógico*, *inter humano*, passa pelo *interesse* dos parceiros, e pelo *interesse* que se constitui como *campo dialógico*, de possibilidades e de sentido, de ação, compartilhados.

De modo que, tudo que impede e embaça o *interesse*, impede e embaça também a *dialógica*. A *fatalidade* (a centração nos fatos, acontecidos, na realidade realizada, a indisposição para o devir intrínseco à dialógica), a *arbitrariedade*, a indisposição estética, a indisposição fenomenológico existencial empírica e experimental, a indisposição para o diálogo e para o dialógico, a baixa consideração, a indisposição para a alteridade, para a diferença do outro são fatores tais.

O caráter intrínseco do interesse na constituição do dialógico -- como emergente e emergência da própria relação dialógica, como emergente e constituinte do próprio campo dialógico --, não exige, naturalmente, igualdade, ou similaridade das partes.

Pelo contrário, a relação alteritária entre diferentes é condição imprescindível da dialógica; a dialógica se nutre da diferença, e da alteridade. Exige a disposição e a disponibilidade estéticas, exige a disposição para os fluxos da vivência empírica, para o diálogo. Este, e o seu campo, campo dialógico, interessante, precisamente se constituem a partir do respeito e da consideração pelas alteridades, do respeito, consideração e interesse pela qualidade daquilo que é outro (alteridade), que no encontro configura a dialógica.

No caso da dialógica entre parceiros educativos, por exemplo, não se demanda que os professores não tenham a sua perspectiva e os seus pontos de vista particulares -- sobre currículo e conteúdo, por exemplo. Mas esta perspectiva e pontos de vista são apenas elementos da alteridade própria destes, que são oferecidos ao e apresentados no encontro dialógico, ao e no *inter-essere*, com os outros parceiros educandos; com o radical respeito pela interação com a alteridade de suas posições. E é na dinâmica do encontro dialógico ativo das perspectivas e pontos de vista de uns e de outros que podem emergir os elementos efetivos de pontos de vista e de perspectiva da parceria dialógica -- no caso, por exemplo, currículos, e conteúdos.

Da parte dos educadores, nunca se poderá esquecer a importância para tal da *abertura* que se contrapõe à *imposição*, como representativas das posturas respectivas do educador, e do *propagandista*.³

³ Cf. Buber, Martin *Elementos do Inter humano*. In **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo, Perspectiva, 1985.

Assim, a constituição da *esfera do inter – interessere, dia logos* – não impede a afirmação das diferenças, a afirmação das alteridades. Pelo contrário, sem elas o diálogo não sobrevive, delas o diálogo se nutre, e perdura em sua dinâmica de engendrar possibilidades, e potencializar a sua atualização.

O diálogo não subsiste e não perdura, sem a disposição para a sua intrínseca e constante diacrítica – para as diferenças e modificações potentes, possíveis, que ele próprio engendra; sem a disposição para a sua estética, e para o seu empirismo experimental fenomenológico e existencial. E sem a consideração radical pela alteridade do parceiro, sem o interesse dialógico que se pode com ela constituir.

6. Uma Educação para a sociedade Brasileira, uma educação para seres ativos, e atuantes.

Paulo Freire certamente não pensava nisso, quando desenvolvia a sua abordagem, à luz de lampião, nos cafundós do Sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Mas, ainda que o seu método seja fundamental para colaborar com o processo de libertação das massas e das pessoas das massas das classes oprimidas e excluídas, a sua aplicação não se limita ao contexto dessas. A abordagem freireana é muito importante para as classes e para as pessoas das classes oprimidas e excluídas porque é muito boa para seres humanos. Porque é uma educação para a potência criativa, poética; porque é uma educação para a ação – que míngam aterradoramente na sociedade moderna.

A abordagem de Paulo Freire é o antídoto perfeito para este preocupante esvanecimento da ação, da atualização, da potência, da ética da potência, e do possível, da poética – que nos são ontológicas.

A criação, a produção cultural, são imperativos para a cultura e para a sociedade Brasileira, da mesma forma que são imperativos a libertação das classes e das pessoas das classes oprimidas e excluídas, e a saúde; saúde social e cultural, a saúde das pessoas e das comunidades, saúde física, psicológica e sócio cultural, a potencialização da poiese, e da alegria de viver – todas intrinsecamente ligadas à ontológica capacidade humana de dialógica vivência do possível, e de desdobramento dele na ação. De modo que a educação para a potência e para a ação, para a poética e para a criação, que caracteriza a abordagem freireana, é uma educação igualmente ontológica, que é a dádiva de uma fina flor do Sertão, e

da urbanidade oprimida, para a sociedade Brasileira como um todo, para o ser humano em sua genericidade. Não é à toa que Paulo Freire faz tanto sucesso no exterior entre pessoas que se ocupam do desenvolvimento humano.

A abordagem educacional de Paulo Freire é, basicamente, um compromisso da solidariedade com a humanidade e com a alteridade das classes e das pessoas das classes oprimidas e excluídas, no Brasil e no Mundo. Mas não é aplicável apenas aos oprimidos e excluídos, aos *humilhados e ofendidos*. Em essência, ainda que possa adquirir várias formas, é a educação saudável para todo o povo Brasileiro, de todas as classes e origens. É a educação para a cultura Brasileira, para a participação produtiva na reinvenção da sociedade, da cultura, da mulher e do homem Brasileiros; uma educação para a potencialização do possível, e do devir, para a ação como conhecimento e criação ativos; no âmbito da educação formal e informal; como educação para a saúde; como educação ambiental e para a sustentabilidade, para o desenvolvimento comunitário, para a educação política, para a educação como educação para uma cultura Brasileira da solidariedade, que possa afrontar e enfrentar comunitariamente a cultura mercantilista, corrupta e niilista, da exclusão e da opressão.

Isto porque a educação para a criação e para a criatividade, a educação para a superação, a educação para a participação sócio cultural e histórica crítica, a educação para a atualização da potência do possível, a estética, empírica e experimental da educação para a poiese, para ação, para o conhecimento como ação -- que caracterizam a abordagem freireana --, configuram a ética e a metodológica de uma educação ontológica, uma educação da vocação humana para o possível, para a ação, para a crítica, para o conhecer ativo, e para a ação como ativo conhecer.

De modo que, compromisso de solidariedade com a humanidade e com a alteridade das classes sociais oprimidas e excluídas, do Brasil e do Mundo, a abordagem educacional de Paulo Freire é uma abordagem de educação para o Brasil, para a cultura e sociedade Brasileiras; é uma educação para o ser humano.

7. Pré-meditado, e pós-escrito: Uma Educação para seres epistemogênicos.

*Vale mais a pena
ver uma coisa
sempre pela primeira vez
que conhecê-la.
Porque conhecer*

*é como nunca ter visto
pela primeira vez.*

Fernando Pessoa.

Um dos aspectos mais interessantes, e importantes, e determinantes da Abordagem de Paulo Freire -- de sua ética: poética, estética, dialógica; de sua concepção e metodológica --, é que ele entendeu, e foi conseqüente com relação ao seu entendimento de que *o conhecer* é um processo própria e especificamente ativo; ou seja, é um processo de ação, atualização, no sentido própria e especificamente fenomenológico existencial e dialógico do ato; o conhecer, o aprender é um processo eminentemente ativo, atualizativo, criativo. Ou não o é conhecer e aprender.

Ou seja, Paulo Freire entendeu que, própria e especificamente, aprender é criar. Criar conhecimento na ação, na atualização -- que é o desdobramento vivencial de possibilidades, o desdobramento singularmente vivenciado de possibilidades. E que só na ação singular, na criação própria do agente cognoscente, é que a aprendizagem efetivamente pode se dar. Num processo, sempre, enquanto aprendizagem, de vivência *da produção* de conhecimento. Processo este que, enquanto tal, ação, atualização, é caracteristicamente *desproposital*, e *da ordem da inutilidade*, não teórico e não prático, não pragmático, portanto.

Mas que é o nosso próprio processo produtivo, na medida em que é, própria e especificamente, o nosso modo de vivência e de atualização de possibilidades. Modo este que é sempre, em seu caráter inútil, desproposital, não teórico, e produtivo, o que entendemos como ação, e como *poiesis* (Que é, desde Aristóteles, uma dimensão do conhecer que é diferente da dimensão teórica, e da dimensão da prática).

Seguindo a Buber, Freire entendeu que, é na criação, com o educando, de uma relação de qualidade *poética* -- uma relação eu-tu, relação dialógica, ***inter humana***, estética, ativa; e/ou na criação de uma relação de tal qualidade com a ***natureza não humana***; ou com o ***sagrado*** -- que reside o substancial da Pedagogia e da Educação.

Porque, é só no âmbito de uma relação dialógica -- fenomenológico existencial, estética, poética --, que um ser ontologicamente epistemogênico, o educando -- como ser que aprende produzindo conhecimento --, pode, efetivamente, produzir conhecimento, e aprender. Própria e especificamente, na momentaneidade pontual da vivência do modo de sermos fenomenológico existencial dialógico, no qual vivemos possibilidades, e vivenciamos o desdobramento próprio dessas possibilidades, nas

formas meramente compreensivas e compreensivas e motoras do que entendemos como *ação, atualização*.

O *po* de *poiesis* é umbilicalmente correlativo ao *po* de *possibilidade*, ao *po* de *possível*, ao *po* de *potência*. Porque o possível, a possibilidade, a potência é a característica fundamental do modo poiético de sermos. Que é o modo pré-reflexivo de sermos, pré-teorético, e pré-comportamental; o modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, eu-tu, dialógico.

A impregnação pela possibilidade, característica deste modo ontológico de sermos, e o característico, e incontornável, desdobramento que é próprio à potência do possível, à potência das possibilidades, que nesse modo ontológico de sermos se dão – e que constituem o que chamamos de *ação, atualização* --, fazem com que este modo ontológico, estético e poiético de sermos seja, própria e especificamente, o ontológico modo de sermos da *ação*. Porque, como vimos, a *ação* é o desdobramento de possibilidade. *Poiética* é, pois, a ética do possível, a ética que privilegia a vivência do possível, e a vivência do desdobramento do possível como vivência de *ação*.

A possibilidade, e o seu desdobramento, a *ação*, se constituem como conhecer. A possibilidade é *apreendida* como conhecer. De modo que a vivência da possibilidade e a vivência do desdobramento de possibilidade, na *ação*, se constituem como *com(a)preensão* – se constituem com *compreensão*. *Compreensão* é, pois, a apreensão do processamento da *ação*, da vivência, e da vivência do desdobramento da possibilidade.

A vivência da possibilidade, e do seu desdobramento na *ação*, é, própria e especificamente, da ordem da *implicação*.

Ou seja, em nossa vivência *compreensiva* de possibilidade, e do seu desdobramento, no modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, dialógico, ativo, estamos *implicados*. Na medida em que esta vivência é fenomenológica, e intencional, intensional; e se dá aquém da dicotomização sujeito-objeto, numa relação que, não obstante, se constitui na implicação do modo eu-tu de sermos.

A vivência, e a vivência do desdobramento, de possibilidades, pois, não se dão como relação, sujeito-objeto; mas se constituem, própria e especificamente, como relação eu-tu; e tudo que o modo de sermos eu-tu *não é*, é relação sujeito-objeto...

Assim no modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos da vivência de possibilidades e do desdobramento destas, estamos implicados com a alteridade radical de um tu; estamos implicados com a alteridade radical de uma possibilidade que se desdobra, constituindo-se compreensivamente como *ação, atualização*. Buber diria, *não sou eu quem produzo, mas não acontece sem mim*.

Assim, o modo dialógico de sermos, fenomenológico existencial, ontológico, é da ordem da *compreensão*, e da ordem da *implicação*. Nele, estamos *implicados* com a alteridade radical – seja alteridade da ordem da *natureza não humana*, alteridade da ordem do *inter humano*, ou da ordem do *sagrado*. Alteridade esta que, no âmbito da implicação, se dá como potência de possibilidade que se desdobra em ação, atualização, atualidade, e presença.

Não há explicação que possa conduzir à compreensão.

Já dizia Takuan Soho, o mestre zen, há mais de três mil anos atrás.

Porque, própria e especificamente, a *compreensão* é da ordem da *implicação*, da implicação fenomenológico existencialmente intencional, intensional. Implicação que, como âmbito do acontecer, dá-se como modo de sermos, anteriormente ao acontecido que permite a posição da explicação. A implicação da ação, fenomenológico existencial dialógica, é a posição e ponto de vista, meramente compreensivo, ou compreensivo e muscular, do *ator*. Enquanto que a explicação é o ponto de vista do *espectador*.

Assim, a perspectiva teórica da explicação é a perspectiva do espectador, do espectador que não está na *Implicação*, na vivência implicativa – do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, dialógico. Por ser própria a e específica deste modo ontológico de sermos a vivência de possibilidade, de potência, e o seu desdobramento na ação, compreensiva, implicativa, não comportam o modo explicativo, teórico, de sermos. Por mais que este tenha a sua importância. Que não é a da vivência de possibilidades, e da ação.

Diversamente -- com relação à perspectiva teórica da explicação --, a perspectiva compreensiva da vivência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica, e ativa, é a perspectiva implicativa do *ator*, na pontualidade sincrônica do transcurso da performance da *ação* – ou seja, da vivência de possibilidades, e do desdobramento destas.

Depois que as possibilidades, como vivência, se desdobram, acontecem, depois que são atualizadas, os seus produtos, de possibilidades exauridas, ou seja, os seus objetos coisificados, podem ser contemplados pela ótica agora do espectador, do teórico, e explicados.

De modo que a pedagogia dialógica, fenomenológico existencial de Paulo Freire, estética e poética, está longe de ser uma pedagogia teórica, explicativa. Meramente porque no âmbito do teórico, do explicativo, não há mais vivência de possibilidades e do desdobramento de possibilidades, não há compreensão, não há atualização, não há ação. E o conhecimento e a aprendizagem se dão especificamente como a criação que decorre da vivência de

possibilidades, e da vivência do desdobramento de possibilidades, compreensiva e implicativa; como interpretação fenomenológico existencial dialógica (que não é explicativa), como ação, atualização; como poiesis, poiética.

Aprendemos, assim, produzindo ativamente conhecimento. Conhecimento que, em sua originalidade, se constitui compreensiva e implicativamente, na pontualidade da sincronia de sua atualização.

Teórica e explicativamente, nós não aprendemos; teórica e explicativamente nós não criamos conhecimento. Teórica e explicativamente nós contemplamos, como espectadores, o conhecimento que já existe, e o repetimos em suas formalidades, sem que ele nos implique ativa e criativamente.

O conhecimento se re(a)presenta teórica e explicativamente. Compreensivamente, implicativamente, o conhecimento especificamente *se apresenta*, no ato de conhecer, na pontualidade compreensiva da presença e da atualidade.

De modo que a Abordagem de Paulo Freire -- consciente, e eticamente --, destinada a seres que, ontologicamente, aprendem em um processo ativo de produção de conhecimento, e que só desta forma aprendem; destinada, assim, a seres *epistemogênicos*, os humanos; a Abordagem de Paulo Freire privilegia o modo de sermos da ação, o modo de sermos da experimentação, da interpretação compreensiva, fenomenológico existencial dialógica. A dialógica do modo compreensivo de sermos, na relação com a natureza não humana, na relação inter humana, na relação com o sagrado.

Podemos ver assim como a abordagem de Paulo Freire está distante das abordagens vigentes de Educação, que pedem dos educandos, apenas, que se comportem, e não atrapalhem, ao longo do suposto processo educativo.